

DEPOIMENTO

Renato Tarciso Barbosa de Sousa¹

G

Gostaria de iniciar este texto agradecendo a oportunidade de escrever algumas linhas sobre o legado de Ana Maria de Almeida Camargo. Fico extremamente feliz de participar desta publicação, pois sou um dos beneficiários de sua brilhante carreira.

Destaco, sem dúvida nenhuma, a parceria que Ana Maria construiu durante uma vida com a inesquecível Heloísa Liberalli Bellotto e com a professora Johanna Wilhelmina Smit. Lembro que, como muitos, tive o incrível privilégio de tê-las em minha banca de doutorado, sendo Ana Maria minha orientadora, lá pelos idos de 2005. A amizade entre essas três é algo difícil de ver. Certa vez, li uma coluna no jornal

¹ Possui graduação em História pela Universidade de Brasília (1990), especialização em Organização de Arquivos pela Universidade de São Paulo (1992), mestrado em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade de Brasília (1995) e doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (2005). Atualmente, é professor titular do Curso de Arquivologia e diretor da Faculdade de Ciência da Informação, da Universidade de Brasília. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Estudos de Representação e Organização da Informação e do Conhecimento. Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em Organização de Arquivos, atuando principalmente nos seguintes temas: arquivologia, organização e recuperação de arquivos, gestão de documentos, formação profissional e políticas públicas de arquivo.



O Estado de S. Paulo em que o autor discutia a necessidade de termos em nossa vida não só parcerias sentimentais, mas também, as intelectuais. E que, na verdade, se possível firmar as duas. Cita, por exemplo, o caso de John Lennon e Yoko Ono, onde os dois estabeleceram uma união que era sentimental e, ao mesmo tempo, intelectual. O autor destaca que isso era o ideal, mas nem sempre fácil de acontecer. Entendo, então, que as três conseguiram atingir esse nível de parceria. Sempre foi encantador ver e saber disso.

Pensei muito em tentar definir Ana Maria em uma única palavra. São vários os adjetivos que poderíamos agregar ao seu nome, mas a generosidade parece ser o principal termo. Talvez, em uma nuvem de *tags*, ela apareceria em maior destaque. Construiu uma carreira e um conhecimento sobre a área ímpares. A generosidade está no fato de que nunca deixou de compartilhar todo esse conhecimento em seus livros, artigos, orientações e conversas informais. A Ana Maria generosa materializava-se na oferta de livros da maior biblioteca pessoal que conheci em minha vida. O passeio pelos cômodos transformados em biblioteca de seu apartamento era obrigatório e motivo de muito orgulho para ela.

Comecei a trabalhar na área em 1988 e Ana Maria já era uma figura de relevo na arquivologia. Suas palestras demonstravam um domínio e uma preocupação científica muito rígida, ela tinha muito respeito pelos conceitos que formam a base teórica da área. Além disso, ela, na sua ampla referência, trouxe para o Brasil os trabalhos de Angelika Menne-Haritz e os divulgou intensamente. Com isso foi formando e disseminando elementos teóricos para uma área que tem um grande compromisso com a prática e que, às vezes, o senso comum a transforma em uma simples técnica a ser apreendida.

Passei a ter um contato mais próximo com Ana Maria em 2001, por meio da professora Rosane Montiel, minha colega na Universidade de Brasília, e que me incentivou a procurá-la para orientação em nível de doutorado. A procurei e ela aceitou. Dessa forma, passei a conhecê-la com maior profundidade e a construir um respeito muito grande, que já existia, pois ela era uma referência obrigatória naquela época. Meus encontros eram extremamente produtivos, ela tinha uma elegância na abordagem dos temas que eu a apresentava e um entendimento sólido sobre o que era discutido.



Ana Maria, apesar de ser da área de história, foi e é um dos maiores expoentes e uma grande militante da causa dos arquivos. A sua liderança fez da Associação de Arquivistas de São Paulo não só uma associação profissional ativa, mas um centro irradiador de conhecimento da área, com os cursos, as publicações e eventos nacionais e internacionais. Ela nunca esteve sozinha nessas empreitadas, sempre contou com a colaboração de suas permanentes sócias, Heloísa e Johanna, e a retarguada da eficiente Hilda.

Ouvi-la era fundamental, quando se tratava, principalmente, de uma discussão mais epistemológica da arquivologia. Fazia esse debate sem firulas. O que é mais impressionante e o que demonstra o papel fundamental que ela exercia na arquivologia é que ela estava acima das diferentes abordagens que se praticam no Brasil, ela era respeitada em todas as regiões do país. Conseguia fazer uma interlocução madura e sempre atenta com outros sujeitos importantes para os desafios arquivísticos, principalmente aqueles vinculados à administração pública.

Ela escreveu seu nome na área com muito trabalho, muita dedicação, muita seriedade, muita qualidade e isso é permanente e que não se encerra com o fim de nossa existência. Ela deixa um legado enorme e sob sua inspiração procuro ter um pouco daquilo que ela apresentou em toda a sua vida.

Ela me ajudou muito a escrever páginas importantes da minha profissional. Sou grato por isso.

Brasília, 11 de março de 2024.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International.

